

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:  
PERSPECTIVAS DO TRABALHO EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS**

***CASAMENTO SEM NAMORO? UMA REFLEXÃO SOBRE A  
ESCOLHA DA CRECHE PELAS FAMÍLIAS***

**LYGIA MATHIAS GUEDES**

**MONOGRAFIA**

**RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:  
PERSPECTIVAS DO TRABALHO EM CRECHES E PRÉ-ESCOLAS**

***CASAMENTO SEM NAMORO? UMA REFLEXÃO SOBRE A  
ESCOLHA DA CRECHE PELAS FAMÍLIAS***

**LYGIA MATHIAS GUEDES**

**Orientadora: Maria Cristina Monteiro P. Carvalho**

**Monografia apresentada ao Departamento de Educação da PUC/Rio, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação, pela conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil – Perspectivas do Trabalho em Creches e Pré-Escolas.**

## RESUMO

Esta monografia pretende investigar como algumas famílias do Rio de Janeiro escolheram a creche particular para matricularem seus filhos pequenos, de 0 a 3 anos.

A pesquisa foi realizada através de um survey enviado pela internet a pessoas conhecidas e sua rede de contatos, com foco nas expectativas das famílias e os critérios usados para optar por uma entre várias creches disponíveis. Além do survey, foram realizadas entrevistas qualitativas com outros pais, na intenção de buscar mais detalhes sobre o processo de escolha.

Antes de analisar o processo da escolha em si, discuto, no primeiro capítulo, que motivos levam as famílias a procurarem uma creche, questionando, no diálogo com Bakhtin e Vigotsky, os benefícios dessa decisão para o desenvolvimento das crianças.

No segundo capítulo, capturo imagens e expectativas que as famílias pesquisadas demonstram sobre as creches, com o intuito de alimentar a reflexão sobre a fronteira de responsabilidades entre esses dois agentes educacionais.

Por fim, no terceiro capítulo, analiso algumas estratégias de aproximação das famílias ao selecionarem creches candidatas e os critérios considerados mais importantes na escolha final, buscando traçar um perfil dos pesquisados. Acrescento ainda uma breve discussão sobre a influência do capital social e cultural no processo decisório, onde as famílias se utilizam da instituição escolar como instrumento de manutenção de suas posições sociais.

Espero, com este trabalho, reforçar a importância da função social das creches e suscitar mais investigações sobre os fatores que influenciam a escolha destes espaços, contribuindo para escolhas mais conscientes que certamente beneficiarão a parceria família-escola e suas crianças.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1- PALAVRAS E FREQUÊNCIA COM QUE SÃO CITADAS NAS  
RESPOSTAS À PERGUNTA “QUAL A PRIMEIRA PALAVRA QUE VEM NA SUA CABEÇA  
QUANDO VOCÊ PENSA NUMA  
CRECHE?” ..... 22

TABELA 2- CRITÉRIOS DE SELEÇÃO CITADOS COMO PRIORITÁRIOS NA  
ESCOLHA DA CRECHE PELOS PAIS ENTREVISTADOS  
..... 37

“A angústia invade  
quer o inquieto, exclusivamente deslumbrado por aquilo que arde com uma luz  
vaga,  
quer o poeta cheio de amor pelos poemas que nunca escreveu o seu,  
quer a mulher apaixonada pelo amor, mas incapaz de devir por não saber escolher.  
Eles bem sabem que eu os curaria da angústia se lhes permitisse esse dom que  
exige sacrifícios e escolha e esquecimento do universo.  
Porque determinada flor é, em primeiro lugar, uma renúncia a todas as outras  
flores.  
E, no entanto, só com essa condição é bela.”

Antoine de Saint-Exupéry

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CRECHE: UM DIREITO AO PERTENCIMENTO SOCIAL.....</b>	<b>11</b>
1.1 IDENTIDADE DA CRECHE: EDUCAÇÃO OU ASSISTÊNCIA?.....	12
1.2 COLOCAR NA CRECHE? POR QUE? POR QUE TÃO CEDO?.....	14
1.3 A CRIANÇA E SEU DESENVOLVIMENTO NA RELAÇÃO COM O OUTRO: CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN E VIGOTSKY.....	18
<b>CAPÍTULO 2 – SINÔNIMOS PARA CRECHE: IMAGENS E EXPECTATIVAS DAS FAMÍLIAS.....</b>	<b>21</b>
2.1 “QUAL A PRIMEIRA PALAVRA QUE VEM NA SUA CABEÇA QUANDO VOCÊ PENSA NUMA CRECHE?”.....	21
2.2 CRECHE E FAMÍLIA: ENTRE EXPECTATIVAS E INSATISFAÇÕES, A DIFÍCIL FRONTEIRA DA RESPONSABILIDADE ...	25
<b>CAPÍTULO 3 – A ESCOLHA DA CRECHE PELA FAMÍLIA: UM CASAMENTO SEM NAMORO?.....</b>	<b>29</b>
3.1 ESTRATÉGIAS DE APROXIMAÇÃO: A PREPARAÇÃO PARA O PRIMEIRO ENCONTRO.....	30
3.2 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO IMPORTANTES: BUSCANDO UM PERFIL DE ESCOLHEDORES .....	35
3.3 OS DIFERENTES TIPOS DE CAPITAL E SUA INFLUÊNCIA NA ESCOLHA .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Se a vida é um caminho, passeio hoje por ele como mulher, mãe, administradora e estudante de Educação Infantil. Carrego minha mochila, cheia de acertos e enganos e, graças a eles, não me importo onde vou chegar. Apenas sigo e dedico minha atenção ao meu movimento interno incessante, que produz reações no mundo e com elas interage.

Exercendo meus diversos papéis sociais, muitas questões me constituem e mobilizam. Meu presente está impregnado das inquietações trazidas pela maternidade recente, que ampliadas pelo Curso de Especialização em Educação Infantil, afetam minhas escolhas no educar/cuidar do meu filho e das minhas relações em geral.

Sempre acreditei que à criança devem ser oferecidas múltiplas possibilidades de experiências, diversidade de espaços e relações com a natureza. O aprendizado do mundo vem da riqueza de relacionar-se com tudo e com todos que a cercam. Assim, quanto mais ampla é a rede de adultos e crianças que compartilham da sua educação e convivência, mais oportunidade ela terá de experimentar-se e de compreender o mundo.

Com essa idéia de que o ser humano é um ser social e precisa de “outros” para constituir-se e reconhecer-se, decidi, há 3 anos atrás, matricular meu filho de 6 meses em uma instituição de Educação Infantil em tempo parcial.

Estreante que sou como mãe, investi em buscar conhecimento sobre as instituições escolares disponíveis nos bairros próximos à minha casa. Falo de uma situação privilegiada, moradora da zona sul do Rio de Janeiro, onde há grande variedade de creches e escolas particulares. Apesar de a educação básica ser um direito, garantido em lei, de todas as crianças, infelizmente é sabido que não há vagas suficientes em creches públicas e muitas vezes as famílias de baixo poder econômico não possuem sequer a garantia de ter seu filho matriculado, muito menos a possibilidade de escolher a instituição.

Sem a expectativa da creche ou escola ideal, busquei a mais próxima do meu jeito de pensar, de refletir sobre educação, de transmitir valores. Pesquisei local, proposta, projetos, educadores, *site*, rotina, dimensão artística, sons, cheiros, alimentação, atividades, entre tantas outras variáveis. E aberta me mantive para altos e baixos, surpresas e decepções, questionamentos e aprendizado - como na vida.

Visitar creches, *sites* na internet e principalmente conversar com outras mães foram ações que fizeram parte do processo de pesquisa e seleção. Porém, várias dessas conversas apontaram para famílias descontentes com a instituição que escolheram, com os profissionais, as crenças, as regras e as atividades. Questionadas sobre o processo de escolha da creche ou escola, as respostas foram evasivas e aparentemente desconectadas do problema.

Frustração decorrente de expectativas não manifestadas, não discutidas? Possivelmente geradas no momento da escolha... Como se dá então essa escolha?

Inserida em um segmento da população do Rio de Janeiro que busca creches particulares e tendo em vista a larga oferta de instituições, comecei a me questionar sobre as seguintes questões:

- o que a maioria das famílias leva em consideração e o que considera mais importante durante a seleção?
- que planejamento fazem para a procura da creche? Que ações tomam a partir desse planejamento? Quanto se dispõem a conhecer das práticas realizadas nas creches antes da seleção?
- que critérios as movem na direção da creche escolhida e por que?
- que influências podem exercer as condições sócio-econômicas e culturais das famílias nessa escolha?

Essas questões me mobilizavam quando ouvi a proposta de problematizar um tema para pesquisa na construção da monografia para o Curso de Especialização de Educação Infantil.

Na verdade, ingressei neste curso para aprofundar o conhecimento sobre o cotidiano das instituições de ensino para crianças pequenas, com o desejo de, um dia, atuar como administradora de uma creche. Com formação e experiência em gestão de empresas de serviços, sonhava em unir a vivência administrativa à nova paixão pela Educação Infantil.

No entanto, assumir tal responsabilidade exige construir, antes de tudo, uma proposta de trabalho viva e em conexão com a cultura local, criada e continuamente recriada junto com os demais sujeitos envolvidos no mesmo desafio de educar, a saber profissionais da creche e famílias.



Assim, torna-se de grande relevância investigar o que pensam e o que buscam as famílias ao escolher com quem irão dividir a educação de seus filhos, suas expectativas e sua visão de infância, na intenção de construir uma parceira efetiva, com responsabilidades diferentes, mas complementares. Deste modo, nas minhas investidas como empreendedora, antes mesmo de iniciar o estudo mais detalhado sobre Educação Infantil, trabalhei em uma pesquisa que buscava levantar informações a respeito do público alvo de uma creche na zona sul do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi realizada no formato de *survey*, formulário enviado pela internet a pessoas conhecidas, que por sua vez espalharam-na por sua rede de contatos, totalizando 151 respostas.

As perguntas foram construídas com a intenção de investigar o que as famílias pensavam sobre as creches, suas expectativas sobre a qualidade dessas instituições e os critérios que as levaram ou levariam a optar por uma das creches disponíveis em sua cidade.

Ao optar por essa temática para a realização do trabalho monográfico, retomei esse estudo e, ao analisar as respostas, senti falta de investigar mais especificamente o processo de escolha, o grau de preparação e envolvimento da família, além dos critérios de seleção. Deste modo, realizei também, pessoalmente, mais 22 entrevistas qualitativas com outros pais, escolhidos ao acaso nos parques, portas de creches ou amigos de amigos.

A intenção da pesquisa foi problematizar o processo de escolha do espaço escolar pelas famílias. Entendo o processo não apenas como a sequência de ações que objetivam atingir uma meta; neste caso, a seleção da creche ou escola. Como estas ações são, sem dúvida, impregnadas por diversos fatores que influenciam a escolha, tais como o meio social em que estão inseridas, a disposição para a procura das creches disponíveis, seu conhecimento sobre educação e outras tantas variáveis, cada família torna-se um abrangente universo de pesquisa.

Assim, de forma a produzir um recorte que delimitasse o problema, busquei definir o contorno econômico-social das famílias e a faixa etária das crianças, entrevistando pais com crianças entre 0 e 3 anos matriculadas em creche ou escola particular da zona sul da cidade.

No primeiro capítulo, discuto a função social e educacional da creche e investigo se as famílias entrevistadas percebem a entrada da criança pequena no âmbito escolar

como um direito a este espaço de relações humanas. Os motivos que estas famílias apresentam para matricular ou não seus filhos pequenos em creches me levam a buscar suporte teórico no diálogo com Bakhtin, Vigotsky e alguns estudiosos de suas idéias, auxiliando na visão da criança como ser social desde o nascimento e do aprendizado através das relações.

No segundo capítulo, começo trazendo as palavras das famílias entrevistadas que, a seu ver, traduzem seu primeiro ou mais forte sentimento sobre as creches, procurando indícios de imagens e expectativas sobre essas instituições. Discuto também a difícil fronteira das responsabilidades entre pais e profissionais da creche, mostrando o caráter inevitável do entrelaçamento desses dois agentes educacionais.

Por fim, no terceiro capítulo, apresento mais detalhes sobre o processo da escolha em si: como as famílias entrevistadas buscaram creches candidatas e que critérios foram considerados mais importantes. Entendo que todas as questões analisadas são algumas das muitas variáveis que influenciam essa escolha e acrescento ainda mais uma discussão sobre a possível influência do capital cultural das famílias, que vem sendo abordado em estudos sobre classes sociais mais abastadas.

Com este trabalho, acredito contribuir para uma reflexão sobre o primeiro encontro entre as instituições família e escola, com suas motivações, expectativas e os múltiplos fatores que influenciam a escolha da creche para crianças pequenas.

## **CAPÍTULO 1 – Creche: um direito ao pertencimento social**

Ao matricular meu filho numa creche, em tempo parcial, aos 6 meses de idade, mesmo sem estar trabalhando, recebi diversas críticas. Para muitas pessoas, era inconcebível que eu, podendo me dedicar a ele durante todo o dia, escolhesse deixá-lo em uma creche todos os dias no período da tarde.

Foi, efetivamente, uma escolha, porque eu acreditava que a creche poderia proporcionar a ele experiências de coletividade e interações diferentes das que eu poderia oferecer sozinha, por mais que diversificasse as atividades e os passeios.

Constatei, porém, que muitas famílias com quem eu convivia discordavam da minha decisão e percebiam a ida de seus filhos pequenos para a creche como uma falta de opção, uma imposição quase inevitável, vinculada à sua necessidade ou desejo de trabalhar.

Esse sentimento parece ter origem na história do surgimento das creches no Brasil, criadas como espaços para guarda das crianças cujas mães precisavam trabalhar e não tinham como fazê-lo com suas crianças pequenas no colo. Naquela época, liberar a mão de obra feminina das classes pobres para continuar a atender a nobreza depois da abolição da escravatura era uma necessidade imperativa da sociedade brasileira (Civiletti, 1991).

A sociedade impunha às mulheres pobres o trabalho e a culpa de não poder dedicar-se a seus filhos, e às ricas impedia de estudar ou trabalhar, controlando-as com a idéia largamente difundida do “instinto materno”.

Mais de um século se passou e a sociedade brasileira vivenciou grandes transformações. Na rebarba das revoluções americanas e européias, as mulheres protagonizaram algumas lutas em busca da ampliação de seu papel, principalmente no aspecto profissional. Invadiram o mercado de trabalho e acarretaram com isso, mudanças inevitáveis na estrutura e no cotidiano familiar.

Entretanto, será que se pode afirmar que os sentimentos em relação às instituições de educação para crianças pequenas tenham realmente mudado na mesma proporção? Não continuam as creches a ser encaradas como um mal necessário? Como espaços destinados apenas àquelas crianças cujas mães trabalhadoras não podem pagar uma babá ou não podem contar com uma avó ou outro parente disponível para tomar conta

delas? Onde a higiene e a alimentação são largamente mais prioritárias do que a brincadeira ou a produção cultural?

Não são ainda as crianças dignas de pena (seres frágeis e incompletos) por serem separadas das mães para ir às creches, mesmo que nestas sejam reconhecidos alguns benefícios de socialização e desenvolvimento?

Não são as mães cobradas de forma direta ou indireta por não cumprirem integralmente seu papel “natural” de mães dedicadas, instigando-lhes a culpa?

Estas foram algumas das questões que me motivaram a refletir sobre a função social das creches. Relembro então a polêmica entre educação e assistência na educação infantil e dialogo com pensadores do desenvolvimento das crianças, na intenção de delinear o papel das creches nesse desenvolvimento, favorecendo o sentimento de pertencimento à sua comunidade e à sua cultura.

### **1.1 Identidade da creche: educação ou assistência?**

A consciência de que os primeiros anos de vida da criança formam o alicerce para seu comportamento, aprendizagem e desenvolvimento durante toda a vida tem crescido lentamente no Brasil. Mesmo entre famílias ditas esclarecidas, ou com um alto nível de escolaridade e acesso à informação, ainda é possível perceber o desconhecimento de como as experiências na primeira etapa da vida influenciam suas escolhas futuras.

É bastante recente, mas um grande avanço, a expressão clara na Constituição Federal de 1988 de que toda criança tem direito à educação desde o nascimento. Mais do que isso, na LDB em 1996, a Educação Infantil é integrada à Educação Básica, como direito das crianças de 0 a 6 anos e suas famílias, dever do estado e da sociedade.

É uma lei, formalmente registrada nos documentos oficiais mais importantes do país, porém, como inúmeras outras leis, esbarra em grandes dificuldades de se fazer cumprir. Dificuldades de naturezas diversas, nos âmbitos político, econômico e social. Muito se poderia dizer sobre as frágeis políticas educacionais vigentes no Brasil e sobre os movimentos sociais ainda incipientes para fazer o Estado cumprir seu dever de oferecer Educação Infantil para todos. Mais extensas ainda seriam as análises dos impactos da política econômica dos últimos anos e da má utilização das verbas destinadas à Educação.

Entretanto, a intenção deste trabalho é focalizar os desafios de ordem social. Mudanças tão recentes ainda não foram de todo assimiladas pela sociedade, que enfrenta, por exemplo, grande dificuldade de reconhecer as instituições de Educação Infantil, principalmente as creches (atendimento de 0 a 3 anos), como parte importante da vida de toda criança desde pequena, de forma a garantir sua constituição de pertencimento social, através de relacionamentos com outras crianças e outros adultos e diferentes contextos sociais, complementares à família.

O deslocamento das creches da área de Saúde ou outras áreas ligadas à Assistência Social para a área de Educação é um marco histórico no movimento de integrar educação e cuidado. Porém, na prática, a superação da concepção assistencialista, principalmente nas instituições para crianças das classes mais pobres, ainda está longe de ser atingida.

De acordo com Kuhlmann (2000), a polêmica entre educação e assistência percorre a história da educação infantil desde o início. Nos textos que datam do início da República, as creches eram vistas como um meio de educar as crianças e as mães pobres, reforçando a tradição colonizadora dos jesuítas. Com o tempo, nasceram os movimentos em defesa do caráter educacional das creches, levando algumas vezes a uni-las às pré-escolas na preparação para a escolarização obrigatória. Em muitos momentos, chegou-se a encarar educação e assistência como dois extremos, sendo tudo o que caracterizava atividades educacionais ou pedagógicas visto como positivo, ao contrário das demais atividades ditas assistenciais, consideradas erradas, negativas, incompatíveis com a educação.

Não se trata de compensar a falta de condições mínimas de vida que o Estado não possibilita à grande parte da sociedade. Quando encarada como prestadora de assistência, principalmente à família pobre, a creche adquire um caráter compensatório e perde sua identidade de instituição de auxílio na formação do ser humano, de espaço de estruturação de relacionamentos sociais e de mergulho da criança na cultura do seu povo, do seu tempo. Kuhlmann (2000) sintetiza assim a questão dos direitos:

“(…)Daí a proposição de que as instituições de educação infantil precisariam transitar de um direito da família ou da mãe para se tornarem um direito da criança. Como se esses dois direitos fossem incompatíveis, como se as instituições educacionais fossem um direito natural e não fruto de uma construção social e histórica.” (p.12)

A mudança de mentalidade é urgente não só nos órgãos que definem as políticas públicas sobre educação de crianças pequenas. É imprescindível preparar os profissionais que irão atuar nas creches, para que construam suas práticas baseando-se na compreensão global das crianças, de sua realidade e de seus anseios de desenvolvimento. É preciso ainda que às famílias seja esclarecido que as creches não são meros depósitos de crianças para o período em que as mães trabalham. Elas devem exigir co-participação e oferecer parceria na construção do novo olhar integrador, que enxerga a criança como um ponto de partida e não como alguém a ser formado a partir dos adultos que a cercam.

## 1.2 Colocar na creche? Por que? Por que tão cedo?

Provocada pela reflexão acima sobre os direitos das crianças e das famílias ao espaço de educação das creches, debrucei-me sobre o material de campo – o *survey* e as entrevistas com alguns pais<sup>1</sup> - com o intuito de investigar se as famílias pesquisadas percebem a entrada das crianças no universo escolar como um direito.

No *survey* distribuído na internet para um potencial público alvo de uma nova creche na zona sul do Rio de Janeiro, uma das perguntas foi:

*“Na creche, seu filho teria oportunidade de relacionar-se com outras pessoas, outros espaços e outras brincadeiras. Você colocaria seu filho na creche mesmo que um dos pais não trabalhasse (pelo menos em período parcial)?”*

À primeira vista, o enunciado da pergunta parece querer induzir o respondente à resposta afirmativa, mas sua construção desta forma foi proposital, na intenção de lembrar ao entrevistado possíveis benefícios da creche e avaliar, se ainda assim, a preferência em deixar a criança só com a família prevaleceria.

Em 151 questionários preenchidos, 69% responderam que sim, que seus filhos iriam para a creche mesmo que eles não trabalhassem.

Isso pode indicar a mudança de visão que discutíamos anteriormente, na perspectiva da creche como uma escolha e não como falta de opção. Ela deixa de ser considerada um substituto da família nos cuidados à criança pequena e adquire a

---

<sup>1</sup> Conforme já destacado na página 8.

possibilidade de ser uma instituição com a cara da sociedade, de acordo com as demandas do local onde se situa. Ela passa a expressar os hábitos, desejos e projetos educacionais da comunidade, se aberta à construção a muitas mãos.

É possível que, aos olhos das famílias pesquisadas, uma nova identidade de creche esteja surgindo? Se a maioria delas afirma que escolheria a creche por outros motivos que não o fato de não poderem cuidar elas mesmas de suas crias, que motivos serão esses? As seguintes perguntas foram feitas a todos os entrevistados, no *survey* e nas entrevistas qualitativas que conduzi pessoalmente:

*“Você colocaria seu filho em uma creche(entre 0 e 3 anos)?”*

*“Por que?”*

Apenas 10 entrevistados (6% do total) responderam que não colocariam seu filho em uma creche. Alguns pais questionaram a ida da criança para a creche “tão cedo”:

*“A partir de 3 anos a criança já sabe se comunicar melhor. Antes fica mais difícil, precisa do carinho e mais atenção da mãe, mas se a creche tiver pessoas eficientes e carinhosas vale colocar mais cedo.”*

*“Não tive opção quando o meu primeiro filho nasceu então tive que colocá-lo na creche, mas ele teve muitas crises de resfriados que sempre terminavam com uma bronquite, otite enfim... ele vivia doente. Minha mãe resolveu sair do trabalho dela para cuidar dele para mim. Então hoje eu não colocaria o meu bebê na creche tendo a opção que ele fique em casa com toda a atenção e cuidados só para ele.”*

O que as “falas” acima possuem em comum? Percebo a priorização do carinho, dos cuidados, da atenção, preferencialmente pela mãe ou alguém da família. O desejo de que o bebê tenha toda a atenção e cuidados só para ele parece refletir pouca valorização da coletividade e nos remete à intenção de proteger o bebê de toda ordem de contatos que possa tirá-lo das condições idealizadas.

Fica visível também uma concepção de criança reducionista das possibilidades de comunicação da criança, como se apenas aos 3 anos, com a linguagem verbal dominada, ela fosse capaz de expressar-se ou de se fazer entender.

Mesmo as capacidades de defesa, que o próprio organismo dos bebês precisa desenvolver para a sobrevivência são limitadas na proteção contra o convívio com os demais bebês da mesma idade.

Ao longo do tempo, diversas imagens ou concepções sobre a criança foram sendo construídas social e historicamente. O conceito de infância surgiu a partir da mudança do papel social da criança na sociedade capitalista, urbano-industrial e é preciso, para estudá-la, levar em consideração o contexto em que vivem as crianças. Ver o mundo a partir de seu ponto de vista, perceber que experiência de cultura produzem. (Kramer, 2007a).

Como nos exemplos das respostas destacadas acima, alguns pais focalizam o que as crianças não são ou o que elas ainda não podem fazer, suas necessidades e não suas potencialidades.

Outras respostas já percebem a criança como ser de experimentação, parte do mundo desde o nascimento, curiosa, desejosa de expressar-se através de múltiplas linguagens. Criança cidadã, sujeito de direitos, competente, ativa e crítica, capaz de provocar mudanças no sistema social em que está inserida, tanto no âmbito familiar como no escolar.

Acredito que imagens tão antagônicas ainda coexistam no interior de nossas creches, dependendo do olhar lançado às crianças em diferentes momentos desde o planejamento da rotina de atividades, passando pela organização do espaço, dos brinquedos e pela seleção dos materiais. É, ao mesmo tempo, imprescindível e desafiador criar um lugar de produção cultural, com tempo e espaço para a troca afetiva, a criação e a contemplação artística, a partilha, o movimento e a autonomia, tudo pontuado pelo lúdico, inerente e essencial para os pequenos.

Com os outros 94% de respondentes afirmando que matriculariam seus filhos pequenos em uma creche, verifico os porquês apresentados para tal decisão, destacando as idéias que mais se repetem: socialização (48%), desenvolvimento da criança (38%) e segurança (14%). Abaixo, algumas das respostas:

*“Acho um ótimo lugar para a criança se **socializar**, aprender a respeitar os outros e **interagir** com outras crianças.”*



*“A creche está preparada para atender as necessidades físicas, psico-motoras das crianças. A creche séria é mais **segura** do que deixar com uma babá. A babá pode ser um complemento mas não **estimula o desenvolvimento** da criança.”*

*‘Acredito que seja **imprescindível** para o **desenvolvimento** da criança, além de favorecer a **sociabilidade** com outras crianças de diversas idades, raças e hábitos.’*

*“Além de mais segura que babá, creche oferece atividades estruturadas e organizadas de forma a proporcionar **aprendizado e desenvolvimento** da criança.”*

*“Acho importante iniciar a **socialização** e contato com outras crianças um excelente fator de **estímulo ao desenvolvimento global** da criança.”*

*“Com a distância dos parentes e a **incerteza de deixar** meu filho(a) **com um desconhecido** em tempo integral, eu preferiria deixar em uma creche.”*

*“Acredito na importância que possa existir a partir de um **convívio externo**. Existem experiências e situações que meu filho possa talvez compartilhar com terceiros e não comigo. E muito importante também, a **convivência com crianças**. Existe a **troca** entre eles, que não cabe a mim explicar. Por que poupá-lo de **aprendizados**? Quanto mais, melhor. A creche serve para, junto comigo, prepará-lo para o mundo que vem pela frente.*

*(grifos meus)*

Socializar... conviver... interagir. A partir destas palavras, é possível assumir o desejo de possibilitar à criança expandir seu leque de relações. E que ambiente pode ser melhor do que a diversidade (adultos, crianças de diferentes idades e etnias, famílias e profissionais com diferentes histórias, valores e hábitos) para fazer florescer ações e relações com o mundo, com a sociedade?

Estímulos...desenvolvimento...aprendizado. A todos, parece que a creche é responsável pelo desenvolvimento da criança, mas como se dá esse desenvolvimento, senão através das mesmas relações com outras crianças, outros adultos, enfim com a diversidade?

Ainda me chama a atenção esta frase da última resposta transcrita: *“A creche serve para, junto comigo, prepará-lo para o mundo que vem pela frente.”* Prepará-lo para que mundo, senão aquele que ele já experimenta, torce, retorce e recria?

À medida que pensamos a creche como espaço facilitador de relações humanas e do desenvolvimento das crianças, é importante buscar suportes teóricos que ajudem a

compreender como a criança experimenta o mundo, constrói significados e se apropria de valores e comportamentos de seu tempo e lugar.

### **1.3 A criança e seu desenvolvimento na relação com o outro: contribuições de Bakhtin e Vigotsky**

Nesse sentido, as idéias de Bakhtin ajudam a pensar sobre o desenvolvimento através da construção dos relacionamentos. De acordo com Guimarães (2007), para Bakhtin, o eu é formado na relação com o outro. Assim, as diversas formas de expressão das crianças pequenas ganham sentido nas respostas que outras crianças ou outros adultos lhe oferecem. É na interação social que objetos, vocalizações e gestos são interpretados e ganham significado, fazendo com que a criança constitua sua individualidade, dispare a criação e recriação de si mesma.

Além disso, Bakhtin (2003) também reflete sobre a exigência de um posicionamento diante do outro, numa atitude responsiva, que envolve a constituição mútua, dos dois sujeitos em interação. Para o autor, não é possível a indiferença em relação ao outro, pois compreender o outro implica numa tomada de posição em um curso de acontecimentos. Ele afirma que “todo enunciado é um elo numa cadeia discursiva” (Bakhtin, 2003, p.289), o que nos leva a observar com atenção todo o contexto onde acontecem as relações entre as crianças e entre elas e os adultos.

Se a construção do eu advém das relações da criança e provoca a formação de elos em um contexto maior (cadeia discursiva), é possível ressaltar a importância de um espaço coletivo que favoreça a formação da identidade, provocando as trocas verbais e não-verbais, com adultos atentos e abertos a proporcionar experiências ricas e diversificadas.

As crianças são seres ativos, ávidos por desenvolver-se e, quando participam de relacionamentos significativos e afetivos, podem construir e compreender o universo de significados da vida em sociedade.

L.S. Vigotsky é outro autor que tem como um dos eixos de seus estudos a idéia de que o ser humano constitui-se na relação com o outro social. O autor afirma que é nela que o indivíduo constrói o conhecimento e que isto se dá através de funções psicológicas superiores, traço que o distingue dos outros animais.

Segundo Oliveira (1992), para compreender as concepções de Vigotsky sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico, é preciso estudar sua idéia de mediação: todo acesso de um indivíduo aos objetos é mediado, isto é, feito através da sua compreensão da realidade, de acordo com os sistemas simbólicos de que dispõe.

“A operação com sistemas simbólicos – e o consequente desenvolvimento da abstração e da generalização – permite a realização das formas de pensamento que não seriam possíveis sem esses processos de representação e define o salto para os chamados processos psicológicos superiores, tipicamente humanos.” (Oliveira, 1992, p.27)

A autora ainda ressalta que esses sistemas simbólicos que se colocam entre o sujeito e o objeto de conhecimento possuem origem social. Isto significa dizer que é a cultura que fornece a base para a interpretação dos dados do mundo real, ajudando na construção dos sistemas simbólicos, que são construídos de fora para dentro do indivíduo. O desenvolvimento humano é, então, fruto da internalização constante das formas culturalmente recebidas de comportamento.

No caso das crianças pequenas, a mediação do adulto desde o nascimento, através do reconhecimento de suas formas de expressão e de suas emoções, serve de ponte para que suas identidades ganhem contorno, apropriando-se de significados do mundo a sua volta. Viver o coletivo alarga suas possibilidades de ser.

De acordo com Guedes (mimeo, p.7), “esse trabalho de formação da identidade prolonga-se por toda a vida e garante a aquisição, reprodução e transformação das significações sociais construídas na história da espécie.”

A criança vai adquirindo aos poucos habilidades e capacidades que antes não possuía, pela imitação e observação de outras crianças ou adultos. O conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky, ilustra bem o que podem as crianças menores, se inseridas num contexto de respeito às suas possibilidades e incentivo à autonomia. Vigotsky (2008) define essa zona como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial da criança.

O primeiro consiste no conjunto de atitudes ou atividades que ela consegue realizar de forma independente e o segundo no conjunto que realiza sob orientação ou em colaboração com outros. Assim pode-se dizer que entre esses dois níveis, estão as funções em processo de maturação e que poderão desenvolver-se em contato com outros mais capazes. Vale lembrar que não é uma proposta à antecipação daquilo que a criança ainda não busca. Não é o adulto dizendo a ela o que fazer ou copiar. É a convivência

com crianças mais velhas ampliando seu conjunto de interesses e a movimentando, por sua própria vontade, na direção da realização de algumas funções.

Fica claro, portanto, que o ser humano pertence a um grupo cultural que depende do outro para seu desenvolvimento. Não há constituição individual sem que se estabeleçam relações.

Em nossa sociedade pós-moderna e utilitarista, onde o individualismo é mais valorizado do que as oportunidades de relações humanas, é imperativo (re)pensar as escolhas na educação das crianças. Um caminho parece ser o de problematizar e discutir as dificuldades das creches e escolas, na busca cooperativa para uma educação de qualidade, organizada com responsabilidade e respeito às crianças.

## **CAPÍTULO 2 – Sinônimos para creche: imagens e expectativas das famílias**

“A palavra tem franjas.”

Sonia Kramer

Conforme meu projeto de abrir uma nova creche no Rio de Janeiro ia ganhando forma, eu pensava que nome ela teria. Mas antes mesmo de determinar o nome, sempre me incomodou que ele viesse após a palavra creche.

A palavra creche, para mim, estava impregnada de significados relacionados apenas aos cuidados de higiene, sono e alimentação, na perspectiva assistencialista discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

Mas será que a palavra e a conexão com as idéias que ela carrega são tão fortes que, mesmo que as idéias se modifiquem, ela ainda carregará seu significado original?

Kramer (2007b) me ajuda a refletir sobre esta questão, quando discute as idéias de Bakhtin sobre a linguagem e sua natureza social. A autora ressalta que, para o autor, o produto da linguagem – a enunciação – é de natureza social, sendo determinado pelo seu contexto, numa abordagem histórica e viva da língua.

Não é possível compreender uma enunciação desvinculada de uma interação, no curso de uma comunicação verbal. A língua não é um conjunto de formas e regras lingüísticas e sim um fenômeno social da interação verbal, que pode ocorrer em um diálogo ou na leitura de um texto.

“Toda enunciação é uma fração da corrente de comunicação verbal ininterrupta que constitui, por sua vez, um momento de um grupo social determinado.”(Kramer, 2007b, p.74)

Toda palavra contém, pois, cultura e lugar social.

Coexistem significados diferentes para a mesma palavra porque correspondem a contextos históricos diferentes. Assim, a palavra creche pode conter significados muito distintos, sentida por alguns como “obrigação”, por outros como “coletividade”.

### **2.1 “Qual a primeira palavra que vem na sua cabeça quando você pensa numa creche?”**

Com esta percepção dos múltiplos significados e sentimentos que a palavra pode englobar, volto às respostas do *survey* e das entrevistas, onde uma das questões pedia ao pesquisado que escrevesse a primeira palavra que lhe vinha à mente quando pensava em uma creche.

Não há, de forma alguma, a intenção de tirar conclusões sobre o que pensam as famílias pesquisadas, a partir destas palavras regurgitadas no momento da pesquisa. Posso afirmar, embasada pelas idéias de Bakhtin, que há todo um contexto histórico-social por trás delas, que não me é visível mesmo na entrevista feita pessoalmente, e tampouco na resposta ao questionário *online*.

Porém, atrevo-me a mapear a totalidade das respostas, agrupando as que me parecem estar mais ligadas a um mesmo tema, a uma mesma idéia. As categorias foram livremente criadas por mim, tentando ressaltar a palavra cujo significado pode resumir ou englobar as demais.

Não utilizei nenhum método em particular para o agrupamento, que certamente carrega a interferência da minha interpretação do significado da palavra, que pode ser diferente do que a pessoa originalmente pensou. Com a palavra *Higiene*, por exemplo, tive dúvidas se o pesquisado pensava nos cuidados com a higiene do seu filho pequeno ou na higiene do espaço físico da creche. Assumi a segunda hipótese e a incluí no grupo das demandas da família sobre os serviços prestados pela creche.

Já a palavra *Educação* me pareceu ter uma conotação ligada ao aprendizado e agrupei-a junto com outras ligadas ao desenvolvimento da criança. Outras pessoas, se solicitadas a fazer a mesma tabulação, poderiam fazer outras escolhas.

Compartilho minhas hesitações apenas para reforçar a natureza incompleta, viva e flexível da análise, que inclui subjetivamente o ponto de vista de quem arruma as palavras e brinca com elas.

De novo com Kramer (2007b) e com seu estudo sobre Bakhtin, aprendo que a palavra é composta de uma multiplicidade de significações e qualquer tentativa de compreendê-la passa por um tipo de diálogo entre locutor-receptor. Esse diálogo é instável e cheio de flexibilidade, para acomodar todas as contradições do contexto social em que está inserida a interação.

A Tabela 1, abaixo, tem como objetivo mapear as palavras que mais se repetiram e me permitir, talvez, alimentar a discussão que trago em seguida neste capítulo, sobre possíveis concepções de creche.

Categoria	Palavras	Repetições	Categoria	Palavras	Repetições	
<b>SEGURANÇA</b> (Total =35)	Confiabilidade	1	<b>DEMANDAS SERVIÇO</b> (Total = 10)	Credibilidade	1	
	Confiança	7		Preço	1	
	Tranquilidade	3		Profissionalismo	1	
	Segurança	24		Responsabilidade	1	
<b>AFETO</b> (Total = 22)	Acolhimento	3		Higiene	3	
	Aconchego	4	Limpeza	3		
	Afeto	2	<b>APOIO FAMÍLIA</b> (Total = 5)	Apoio	2	
	Amor	4		Comodidade	1	
	Brincadeira	3		Feedback p/os pais	1	
	Carinho	6		Preocupação	1	
<b>CUIDADO</b> (Total = 16)	Amparo	1	<b>SUBSTITUIÇÃO FAMÍLIA</b> (Total = 5)	Família	1	
	Bem estar do meu filho	1		Familiaridade	1	
	Bons tratos	1		Mãe	1	
	Conforto	1		Uma segunda casa	1	
	Cuidado	10	<b>INFÂNCIA</b> (Total = 6)	Alegria	3	
	"Guardaria"	1		Criança	1	
	Tratamento com a criança	1		Felicidade	1	
<b>DESENVOLVIMENTO</b> (Total = 16)				Infância	1	
			Convívio	2	Educação básica	2
			Crescimento	1	Estímulos	1
			Desenvolvimento	2	Independência	1
		Educação	3	Sociabilidade	1	
				Socialização	3	

Tabela 1– Palavras e freqüência com que são citadas nas respostas à pergunta “Qual a primeira palavra que vem na sua cabeça quando você pensa numa creche?”

Assim, não busco sinônimos para a palavra creche, mas imagens que vieram à mente das pessoas pesquisadas, na intenção de que elas contribuam para a reflexão sobre suas expectativas.

Todas as palavras relacionadas traduzem, sem dúvida, aspectos da função a que se propõem as creches. Aqui, porém, trabalhamos com a imagem que as famílias pesquisadas registraram das creches com as quais se relacionaram. O que é – ou precisa ser, na visão dos pais – a característica mais forte?

*Segurança* está no topo da lista das mais citadas. O que estará por trás dessa necessidade de segurança? A integridade física e emocional das crianças? O desejo de

as famílias sentirem-se seguras na difícil escolha da creche ideal para seus filhos? Para tal, entrariam os componentes de confiabilidade, confiança e tranquilidade reunidos sob a mesma categoria. Porém, que grau de dificuldade terão as famílias de confiar suas crianças a desconhecidos, em uma sociedade cuja primeira e talvez maior preocupação é com segurança?

Outro grupo de palavras a destacar é aquele ligado às categorias do *Afeto* e do *Cuidado*. A inserção de uma criança em uma creche é, muitas vezes, cercada de frustração e expectativas. No lugar da satisfação de poder proporcionar a ela múltiplas possibilidades de expressão, socialização e interpretação do mundo e de sua cultura, o sentimento da família – especialmente da mãe – é, muitas vezes, de culpa por abandono. Como se, ao sair para trabalhar e deixar seu filho na creche, a mãe estivesse privando-o de carinho, de afeto, de amor. Assim, parece natural que ela precise assegurar estes sentimentos no ambiente da creche, que se traduzirão nos cuidados que seu filho receberá e como será tratado.

Nessa trilha, poderia continuar fazendo inúmeras considerações sobre as várias palavras relacionadas na tabela e as imagens que despertam. Mas minha atenção foi despertada por uma palavra que *não* foi citada em nenhuma resposta, nem no questionário nem nas entrevistas: a palavra *Brincadeira*.

No grupo chamado de desenvolvimento, as palavras mencionadas identificam o ambiente da creche como propício ao crescimento, à socialização, à independência. E através de que, isso tudo (e muito mais) poderia acontecer simultaneamente, senão através da brincadeira?

Ainda parece raro encontrar pais que percebam a dimensão da riqueza de possibilidades que o brincar oferece às crianças, em sua constante apropriação criativa da cultura.

“No brincar, as crianças vão também se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação nas brincadeiras. Nesse processo, instituem coletivamente uma ordem social que rege as relações entre pares e se afirmam como autoras de suas práticas sociais e culturais.” (Borba, 2006, p.50)

A autora compreende o ato de brincar como oportunidade para múltiplas interpretações da realidade e afirma que o espaço pode ao mesmo tempo regular e



possibilitar as ações e interações das crianças. Ao brincar, a criança não apenas imita ou reproduz os acontecimentos que vivencia, mas ressignifica e reelabora a cultura. A brincadeira favorece a apropriação e construção da subjetividade, para melhor compreensão do mundo.

Vigotsky (2008) também considera que a brincadeira impulsiona o desenvolvimento da criança. Ela oferece oportunidades da criança exercer diferentes papéis que não seriam possíveis na vida cotidiana concreta e constrói terreno fértil para a imaginação.

“A criação parte da experiência pessoal, do contexto histórico-cultural, e é ampliada pela imaginação, concretizando-se em uma obra que ultrapassa o próprio autor.” (Moura, 2006, p.58)

Nesse sentido, quanto mais variadas e ricas forem as experiências oferecidas à criança, mais instrumentos ela terá para criar, apoiada na imaginação. Experiências ricas implicam em diversidade de espaços, brinquedos, pessoas, animais etc.

A brincadeira não figurou entre as imagens de creche das famílias entrevistadas. Será possível que as famílias pesquisadas não percebam nas creches a brincadeira como eixo central de todas as atividades de cuidado ou educação? Prefiro supor que o lúdico está tão intrinsecamente ligado a qualquer espaço planejado para crianças que tenha se tornado óbvio e por isso não apareça nas respostas.

Inúmeras outras imagens também podem ser criadas a cada interação família-creche e vão se modificando, à medida que os laços se estreitam, que a relação acontece. Cada agente desse relacionamento age e reage em função de suas próprias histórias e de acordo com suas expectativas.

As imagens servem de pano de fundo para buscar compreender como são geradas as expectativas das famílias no momento das primeiras interações com as creches.

## **2.2 Creche e família: entre expectativas e insatisfações, a difícil fronteira da responsabilidade**

“O seu olhar agora, o seu olhar nasceu,  
o seu olhar me olha, o seu olhar é seu.  
O seu olhar, seu olhar melhora, melhora o meu.”

Não há um modelo ideal de creche a ser perseguido. É um espaço vivo, criado e recriado por diferentes contingentes humanos: crianças, famílias, profissionais de diversas áreas e toda a comunidade em que está inserido.

Como defini-la então? Do que se trata a creche? Descubro questionamentos semelhantes e relevantes nas reflexões conduzidas para a implementação de creches em Reggio Emilia, cidade italiana focada, desde a década de 70, na formação da identidade pedagógica, social, cultural e política de suas escolas para a primeira infância:

“Trata-se de serviços para a família, espaços de socialização ou lugares para a educação?(...) Cada sociedade inventa a sua própria imagem da infância e das crianças? Como uma criança aprende? (...) Qual a relação entre as creches, a escola, a família e a sociedade? As creches e escola em geral são uma forma de preparação para a vida ou são parte da própria vida?” (Rinaldi, 2001, p.75)

Rinaldi (2001) ressalta a convicção dos gestores das escolas de Reggio Emilia de que é possível combinar serviços sociais e educação. Serviços prestados às famílias e com uma prática de educação cujo foco é o contexto total da criança, que inclui outras crianças, família, professores. Essa visão inspira a organização e o planejamento do espaço e das atividades para facilitar a participação das famílias. Não é um lugar de substituição do adulto que vai cuidar da criança - e nem o faz melhor ou pior que a família -, é lugar de acolhimento, onde todos devem sentir-se bem.

Na minha experiência como mãe, a inserção do meu filho na creche foi muito tranquila. Apesar de perceber o quanto minha presença era valiosa para ele, eu estava muito certa de que a creche também proporcionaria a ele inúmeras outras experiências valiosas.

Acredito que as crianças pequenas, percebem o estado de ansiedade dos pais, mesmo que suas palavras procurem demonstrar o contrário. Desde o primeiro dia de creche, ele percebeu em mim a serenidade de estar adentrando um espaço bom para ele, onde eu me sentia também acolhida e à vontade, e assim recebeu a creche sem dificuldades de adaptação.

Porém, estar certa da minha decisão não me eximiu de ter expectativas. Confiar, quando se conhece pouco, quando os vínculos ainda não estão estabelecidos, é sempre um desafio. Mas segui consciente de que minhas expectativas precisariam se ajustar à

realidade que se apresentava, de acordo com o grupo de crianças que se formava, com a experiência daquela professora, enfim, de todo o contexto.

Muitas mães, consciente ou inconscientemente, transferem a cobrança que recebem por não estarem 24 horas dedicadas à criança, diretamente às creches e seus profissionais. Expectativas inatingíveis são geradas na exigência de que o cuidado ao seu filho seja integral e exclusivo, ignorando a característica de coletividade que a creche naturalmente carrega. Mas como entender os benefícios da coletividade numa sociedade que valoriza cada vez mais a individualização, o isolamento?

A prática da co-responsabilidade no auxílio da construção do eu, no sentido de cada parte enriquecer o leque de relacionamentos essenciais à construção de significados da criança, ainda é privilégio de poucas famílias e creches.

Muitos pais ainda buscam na creche e pré-escola a intensa preparação para o futuro. E, a partir e para satisfazer essa demanda, algumas creches tendem a “escolarizar” a criança pequena, muitas vezes fragmentando suas ações, separando conhecimento de brincadeira, educação de cuidado. É mais uma confirmação de quanto a criança é colocada num lugar de quem ainda não pode, não tem, não é. Tudo lhe será fornecido para que se forme, se desenvolva e um dia seja alguém, à semelhança do adulto, sem respeito à sua história e cultura, que têm origem no seu nascimento (Guimarães, 2007).

Por sua vez, muitas creches se eximem do seu papel social de interagir com a comunidade onde estão inseridas. Criam propostas pedagógicas baseadas em teorias ora decadentes ora inovadoras, mas muitas vezes desconectadas com o modo de viver das crianças que atendem. Não há educação se a experiência de vida das crianças não é acolhida e usada como referência para planejamento.

A realidade da educação de uma criança, tanto para a família quanto para a creche é composta de erros e acertos. Para a criança, não deveria existir uma separação tão forte entre seus dois maiores “momentos”. Se há parceria verdadeira, a criança percebe continuidade, mesmo nas diferenças. Compartilhar traz riscos, sem dúvida. Mas traz também crescimento, vínculo. E nesse crescimento, crianças, pais e educadores aprendem a viver em sociedade, a acolher elogios e críticas, a criar laços de confiança, a valorizar a diversidade.

Nogueira (2005) indica avanços nesse sentido ao estudar as mudanças ocorridas na relação família-escola na contemporaneidade. Cita que, desde o movimento

escolanovista que começou no início do século XX, os métodos pedagógicos passaram a preocupar-se com a coerência entre os processos educativos que se dão na família e na escola. Observar e dialogar com a família tornou-se, então, fundamental para assegurar algum grau de continuidade entre as ações dos dois agentes educacionais.

Além disso, a mudança de concepção de infância que retrata uma criança ativa e completa desde bebê e o aumento do número de horas que a criança permanece na creche, tendem a acrescentar ao seu papel tradicional de transmissão de conhecimento e desenvolvimento cognitivo, parte da responsabilidade também pelo desenvolvimento físico, moral e emocional dos pequenos.

É nesse sentido que a fronteira das responsabilidades entre família e creche torna-se cada vez mais indefinida. Profissionais da creche, movidos pela preocupação com o bem estar das crianças, procuram aproximar-se das famílias e obter informações de todos os tipos, podendo, às vezes, invadir áreas da vida íntima familiar, tais como separações conjugais, desemprego etc. (Nogueira, 2005).

Por outro lado, algumas famílias sentem-se no direito de interferir nas questões pedagógicas, questionar atividades com as crianças e até mesmo decisões administrativas do âmbito escolar. Na creche do meu filho, uma professora querida pelos pais foi demitida na virada do ano e presenciei várias mães inconformadas, ligando para os diretores da creche, exigindo conhecer detalhes da decisão e cogitando não confiar mais seus filhos à creche por discordar da mesma.

O entrelaçamento é, pois, inevitável. Melhor para todos que a aproximação seja cuidadosa, criteriosa e aberta ao diálogo. É essa aproximação que quero investigar mais, descortinando seu processo, revelando detalhes.

Análoga à preparação para um casamento, só que muitas vezes quase arranjado, sem tempo ou disponibilidade para o namoro, para cada um enamorar-se das qualidades do outro, criando uma base sólida para lidar melhor com os conflitos que, com certeza, virão.

### **CAPÍTULO 3 – A escolha da creche pela família: um casamento sem namoro?**

Escolher,  
do latim *excolligere*,  
eleger; votar;  
preferir; optar;  
selecionar;  
decidir entre 2 ou mais coisas;  
julgar os méritos de múltiplas opiniões  
e fazer a seleção de uma delas para ação.

Os capítulos anteriores deste trabalho suscitaram a reflexão sobre a complexa gama de conceitos, imagens e expectativas que as famílias possuem acerca das creches.

Foi possível perceber que parte dos conceitos e imagens pré-estabelecidos se originam de fatos marcantes da nossa História, principalmente no que se refere às mudanças na visão de infância e na identidade educacional das creches, ao longo do tempo. Outros são herdados da geração anterior ou construídos a partir da rede social de relacionamentos, principalmente no caso de pais de primeira viagem.

Entretanto, toda essa bagagem compõe apenas parte da lista de fatores que influenciam a escolha do estabelecimento escolar das crianças, seja no momento da inserção na creche ou em outras etapas da vida escolar.

Toda escolha é um momento desafiador porque pressupõe a perda do objeto não escolhido. Uma infinidade de pequenas escolhas são realizadas ao longo de um dia e não são percebidas como escolhas. São escolhas “inconscientes” ou naturalizadas, porque o impacto resultante delas tende a ser muito pequeno; ninguém dedica tempo, por exemplo, para analisar se calçar o sapato no pé esquerdo primeiro será melhor ou pior do que calçá-lo após o do pé direito.

Muito diferente das escolhas de grande impacto, como às relacionadas à educação dos filhos. No modelo contemporâneo de família, os pais sentem-se imbuídos do dever de proporcionar, além das melhores oportunidades de aprendizado, espaços ocupados também do bem-estar psicológico dos seus filhos (Nogueira, 2005).

Dessa forma, é possível que se alargue a pressão social sobre os pais de que seus filhos tenham um excelente desempenho escolar. No caso das crianças pequenas, muitos

pais medem seu sucesso na escolha da creche comparando a rapidez com que os pequenos adquirem as habilidades de andar, falar, memorizar cores e números etc.

Se assumirmos, ainda com Nogueira, que os feitos das crianças são usados para alimentar a auto-estima dos pais, disparando sentimentos de orgulho ou culpa pela escolha da creche, é de se esperar que esses pais adotem diversas estratégias para o processo da escolha, reduzindo ao máximo suas chances de “erro”.

Nesta etapa do trabalho, minha intenção é avaliar que estratégias de observação e busca de informações sobre os diferentes estabelecimentos são usadas pelos pais e se elas propiciam a aproximação das famílias do universo escolar.

### **3.1 Estratégias de aproximação: a preparação para o primeiro encontro**

Como já dito anteriormente, o casamento entre família e creche é inevitável.

A criança percebe-os como duas instâncias distintas, com papéis diferentes porém entrelaçados, objetivando sua educação. Essa parceria tende a ser um dos modelos de relacionamento importantes para seu crescimento, por isso precisa primar pelo respeito aos diferentes pontos de vista.

Como para os casamentos, não creio que haja uma receita de sucesso para escolher o parceiro. Como se dá então a procura? Antes da parceria estabelecida, selada, contratada, como é criado o vínculo inicial? Que espécie de flerte acontece entre os pretendentes a esta união?

Começo analisando quem toma a iniciativa de aproximação. Entendendo a escola ou creche como uma instituição que presta serviços de educação à comunidade, sendo ela pública ou privada, a esta não caberia selecionar (ou segregar) as crianças ou suas famílias.

Assim como em outras cidades do Brasil, na realidade do Rio de Janeiro, a oferta de creches expandiu-se muito nas últimas décadas, em sintonia com o crescente aumento da participação da mulher no mercado de trabalho e da luta pelos direitos da criança à Educação Infantil. No caso de creches particulares e famílias economicamente favorecidas, objeto das pesquisas que deram origem a este estudo, é correto afirmar que a oferta atual de creches supre bem a demanda de famílias interessadas, cabendo a essas últimas escolher entre as várias disponíveis.

Como pretendentes ávidos a conhecer a noiva, as creches estão todas (ou quase todas) abertas a visitas a qualquer dia e horário da conveniência da família. É possível que essa disponibilidade seja decorrente de uma exigência da vida atribulada dos pais que não conseguem marcar um horário com antecedência. Outro motivo comentado entre mães seria a desconfiança das famílias, de que, ao marcar um horário, a creche se arrume e esconda possíveis problemas, mais facilmente detectáveis com a visita surpresa.

O que fazer então? Que estratégias adotar para selecionar e escolher em um universo grande e cada vez mais diversificado?

Alguns pais recorrem a seus pais para um conselho e percebem que essa é uma questão recente, fruto das mudanças da sociedade contemporânea. Nogueira (1998) confirma, em um dos textos em que trata da escolha da escola pelas famílias, que os pais das gerações passadas não viviam esse dilema com tal intensidade, dado que as redes escolares apresentavam maior homogeneidade entre os estabelecimentos. As famílias agora precisam inventariar, analisar diferenças, discutir e optar entre os espaços disponíveis.

Terá a lógica do mercado chegado também à educação? Pais “clientes” ou “consumidores” do serviço educativo devem procurar a “empresa” mais adequada às suas demandas, de acordo com o que o mercado oferece?

Nasce a competição entre as instituições, buscando também adequar-se às expectativas das famílias para garantir sua matrícula ou a permanência da criança na escola. Utilizam-se de práticas mercadológicas de marketing, tais como *outdoors*, propagandas em jornais de bairro, *sites* diferenciados. A exigência das famílias gera a necessidade de inovação e as práticas pedagógicas diversificam-se tanto que já não é possível identificar uma linha de trabalho e sim um estilo, mais ou menos tradicional, com a maioria das atividades centradas na aquisição de conhecimento ou na realização pessoal.

Conforme explicado na Introdução desta monografia, a coleta de informações da pesquisa iniciou-se com um questionário enviado pela internet para responsáveis por crianças em idade escolar, com foco nas possíveis demandas para a abertura de uma nova creche. Nele não constavam perguntas sobre as estratégias de seleção usadas para relacionar as creches candidatas, antes da escolha propriamente dita.

Já as entrevistas qualitativas realizadas posteriormente apresentavam perguntas que investigavam se houve planejamento por parte das famílias e como aconteceram os primeiros encontros com as creches selecionadas como possíveis pretendentes.

Compiladas as respostas, surgiram relatos sobre pesquisas superficiais na internet, nos *sites* das próprias creches e em *sites* especializados em questões relacionadas a bebês. Mas todos os 22 entrevistados informaram que usaram pouco do seu escasso tempo com esse fim. Quase todos confiaram em indicações de amigos com filhos em idade próxima e visitaram de 1 a 3 creches para comparação e decisão. Abaixo, destaco alguns trechos de respostas:

*“Uma amiga me recomendou esta e por sorte funcionou. Não tive tempo nem paciência para procurar outras.”*

*“ Não visitei outras creches. Conhecia muitos pais que tinham filhos nessa e fui visitá-la com vontade de gostar.”*

*“Queria visitar todas as creches da redondeza, mas não tive tempo. Quando percebi, já estava voltando a trabalhar e tinha que escolher uma para colocar o João. A gente se sente insegura, sozinha nessa decisão.”*

*“Visitei 3 escolas antes de escolher e nenhuma delas me fez ter certeza quanto à escolha; ou não gostava do conteúdo, ou não me identificava com as pessoas, com o espaço...”*

Um sentimento comum a quase todos os entrevistados chamou minha atenção: insegurança na decisão. No lugar de desfrutar da liberdade de escolher dentre tantas opções, parecem tomados pelo *stress* emocional da insegurança pela escolha errada. Não seria essa uma motivação para visitar o maior número de creches possível e aumentar as chances de acertar? Por que esforço e tempo gastos nessa procura parecem pequenos frente à importância da escolha?

O trecho *“fui visitá-la com vontade de gostar”* parece demonstrar um estado de aflição para livrar-se do problema da escolha. Quem sabe seguir uma indicação em detrimento de fazer uma avaliação mais detalhada possa aliviar o peso da responsabilidade e ser uma estratégia para ter a quem culpar se a opção final se revelar ruim?



Talvez seja exatamente o excesso de opções e de informação espalhada em diversos meios de comunicação que confunda os pais. No passado, o conhecimento sobre educação era restrito aos pedagogos e psicólogos estudiosos do desenvolvimento infantil. Atualmente, muitas publicações estão disponíveis sobre o tema, das mais superficiais às mais elaboradas e de difícil entendimento para leigos.

A todos os pais pesquisados, foi perguntado se possuíam algum conhecimento sobre as linhas pedagógicas que norteiam as atividades nas creches e se tinham preferências entre elas. Nas respostas do *survey*, 36% admitiram não conhecer muito sobre linhas pedagógicas e outros 34% apontaram preferência pela linha construtivista.

Nessa visão apenas estatística, não é possível dimensionar o quanto conhecem sobre o construtivismo e a influência desse conhecimento na relação com as creches visitadas. Em contrapartida, nas entrevistas, com exceção de uma entrevistada que é professora, todos os demais pais disseram possuir muito pouco ou nenhum conhecimento específico sobre o tema, o que os impossibilitou de comparar as creches visitadas nesse aspecto.

Fica o questionamento se seria realmente necessário que os pais detivessem vasto conhecimento sobre pedagogia para escolher a creche para seus filhos. Por que não confiar nos profissionais da área, assim como confiamos nos pediatras quando recorremos à medicina?

Minha experiência na busca da creche para meu filho, na época com 1 ano e meio de idade, pode retratar um olhar atento, inicialmente desconfiado, porém disposto a conhecer e confiar.

Minha estratégia de pesquisa e visitação das creches não foi muito diferente da utilizada pelas famílias pesquisadas. Elaborei uma longa lista com várias creches do meu bairro e dos bairros vizinhos. Priorizei as visitas de acordo com indicações de amigos, chegando sem aviso, sendo sempre bem recebida. Em uma delas, porém, fui informada pela secretária que teria que agendar um horário com a coordenadora pedagógica, que só atendia pais de futuros alunos em determinados dias e horários da semana, e em pequenos grupos.

Confesso que não gostei da resposta e quase não voltei. Não me senti acolhida de imediato, como nas outras creches, que abriam suas portas e me atendiam individualmente. Mas já tinha ouvido boas referências sobre essa e o estranhamento me levou a agendar a visita.

Em casa, entrei no site da creche e vi fotos, li informes e comentários de pais e crianças, além da proposta pedagógica publicada. Não li a proposta pedagógica de todas as creches que visitei, mas como a visita estava marcada para dali a alguns dias, tive tempo de fazê-lo.

No dia marcado, ainda desconfortável com o fato de ter que me contentar em ser atendida junto com outros pais, me dirigi à creche.

Após a conversa de quase 2 horas, percebi que ali já estava sendo colocada em prática a proposta pedagógica da escola. Proposta que não abrangia apenas as crianças e os meios que elas utilizariam para produzir conhecimento, mas ressaltava a construção de um ambiente que favorece as múltiplas relações entre crianças, professores, coordenação, pais, comunidade. Por que estaria eu fechada a compartilhar minhas dúvidas com outros pais ou a beneficiar-me de suas questões que porventura não tivessem me ocorrido?

Ambos os lados prepararam-se para o momento, disponibilizando-se integralmente, ao contrário de visitas não marcadas onde muitas vezes era claro que minha presença era incômoda, que aquela professora ou coordenadora havia sido pega de surpresa e sabia que muitos afazeres a aguardavam. Resultavam em visitas superficiais, de exploração das salas e materiais, não das concepções que davam direção ao trabalho da creche.

No meu caso, me apaixonei por esse pretendente e decidi selar o contrato. Mas o namoro não acabou aí: nos encontramos novamente antes das aulas começarem.

Munidos de um questionário já preenchido com informações diversas sobre os hábitos da família e um pouco da nossa história, eu e meu marido conversamos com a coordenadora para compartilhar informações sobre meu filho, no intuito de ajudar a creche a se preparar para recebê-lo.

E não conversamos meramente sobre o que ele gostava ou não gostava, se usava chupeta ou chupava o dedo. Iniciamos uma relação mais próxima, onde pudemos expor um pouco do contexto social e familiar dele, como ele se relaciona e também como somos e o que pensamos. Uma escuta de verdade. Um espaço aberto para permear casa e escola, dentro dos limites possíveis, mas procurando diminuir as distâncias entre os dois espaços que são tão importantes na vida da criança. E o casamento, com nossas diferenças e pequenos conflitos, vem “dando certo” desde então...

Acredito que seja possível “namorar” as creches candidatas – no sentido de buscar conhecer a base ideológica de seu trabalho, seus valores, sua postura nas relações – através da observação sensível de como se expressam e interagem as crianças, os adultos, os materiais, o próprio espaço físico.

Observar como a instituição garante o tempo para o olhar crítico, para a auto-expressão através de diversas linguagens. Como a arte está presente, se meramente para ilustrar ou se para ser absorvida por todos os sentidos.

Igualmente perceber como se dá a valorização da identidade da criança através das diferenças, das singularidades, sem reforçar a desigualdade social e os preconceitos tão presentes na sociedade atual.

Com apenas esses pontos, certamente não se esgotam as dimensões políticas, éticas, estéticas e ecológicas de uma instituição escolar ou o que pode constituir uma educação básica de qualidade. Há muito mais para conhecer, pois a educação é uma complexa rede que dialoga com vários campos do conhecimento e ciências sociais. Como em qualquer relacionamento, existe sempre algo a desvendar e aprender, desde que sobreviva o desejo de compartilhar.

### **3.2 Critérios de seleção importantes: buscando um perfil de escolhedores**

Depois de buscar compreender o que as famílias levam em consideração para selecionar algumas creches entre as quais ocorrerá a opção final, investigo as qualidades que impulsionaram a decisão, ou seja, os critérios considerados mais importantes.

No *survey* apresentado aos pais, nenhuma pergunta foi formulada para questionar diretamente que critérios foram usados. Em diferentes formatos, alguns itens considerados relevantes para o processo de escolha foram listados e aos pais foi solicitado que indicassem seu grau de importância.

Uma das perguntas apresentava quatro pontos muito comumente verificados pelas famílias na forma de organização e atuação das creches: 1) *qualificação dos funcionários*; 2) *quantidade de crianças por turma*; 3) *quantidade de funcionários por criança* e 4) *tratamento muito carinhoso e atencioso com as crianças*.

A resposta assinalada como mais importante pelo maior número de pais (59,5%) foi o *tratamento muito carinhoso e atencioso*, demonstrando estar a preocupação com o

carinho acima da qualidade da educação, explicável talvez por tratar-se de um universo de atendimento a crianças bem pequenas (0 a 3 anos).

Ainda assim, a *qualificação dos funcionários* é priorizada logo em seguida, com taxa de 39,5% de pesquisados considerando-a a mais importante. A quantidade de funcionários e crianças perde seu lugar de destaque, sendo considerada, portanto, regras aceitáveis do funcionamento da creche, desde que as outras duas variáveis satisfaçam as expectativas dos pais.

Outra pergunta do *survey* que merece atenção procura colocar o pesquisado em uma situação de desempate, pedindo que ele imagine que encontrou 4 creches similares numa mesma região e cada uma sobressaiu-se em um item, em relação às demais.

Ele deve, então, escolher por qual destes itens aceitaria pagar um pouco mais caro, se fosse o caso do critério selecionado estar na creche de preço mais alto. A intenção foi verificar se a percepção do benefício era mais forte que a noção de preço justo. Os itens apresentados na pergunta foram: *alimentação, formação dos profissionais, espaço, segurança* ou nenhum destes.

Novamente, a *formação dos profissionais* foi assinalada pela grande maioria (83,5%), demonstrando que essa preocupação é uma forte característica do grupo pesquisado.

Um outro formato de pergunta solicitava que o pesquisado indicasse se determinados itens relativos à *infra-estrutura* da creche eram considerados por ele como imprescindíveis, importantes, pouco importantes ou dispensáveis.

Mais do que o tamanho do *espaço ao ar livre*, a *variedade dos brinquedos* ou a *área verde disponível*, o item que mais pais consideraram imprescindível (74,3%) foi o das *instalações possuem itens de segurança* representados por móveis adequados à idade das crianças (pisos, escadas, banheiros etc.).

Ao contrário do que ocorreu nas perguntas indiretas do *survey*, solicitei aos pais entrevistados que indicassem os 3 critérios considerados mais importantes e que tiveram um peso maior na opção pela creche escolhida.

Onze critérios diferentes foram citados como prioritários pelo grupo de 22 pais entrevistados. A tabela 2 mostra, em ordem decrescente, o número de vezes em que aparecem nas respostas:

CRITÉRIOS	Número de
-----------	-----------

	Repetições
Proximidade de casa	19
Conteúdo educacional	9
Atenção e carinho com as crianças	8
Horários flexíveis, poucas férias	7
Formação dos Profissionais	7
Espaço físico	6
Clima da visita	3
Atividades extras (natação, inglês etc.)	3
Indicação de amigos	2
Alimentação variada	1
Instinto	1

Tabela 2– Critérios de seleção citados como prioritários na escolha da creche pelos pais entrevistados

Em uma cidade grande e populosa como o Rio de Janeiro, onde a maioria dos transportes públicos ainda é de baixa qualidade e o trânsito apresenta grandes engarrafamentos nos horários de entrada e saída das escolas, é compreensível que um dos critérios mais utilizados tenha sido o da *proximidade de casa*, principalmente tratando-se de crianças pequenas.

Os critérios relacionados ao *tratamento carinhoso e atencioso às crianças* e à *formação dos profissionais*, considerados mais importantes na análise feita anteriormente com as respostas do *survey*, também surgem entre as respostas dos entrevistados, com fortes pesos em suas decisões finais.

Acrescenta-se a esses, também como critérios bastante usados, o atendimento das demandas dos pais no que se refere à *flexibilidade de horários e funcionamento durante todo o ano*, com poucos recessos ou férias, e a exigência de um *espaço físico amplo* para as atividades com as crianças.

Reunindo esses dados e procurando indícios de seus contextos sociais, será possível traçar um perfil das famílias pesquisadas?

Recorro novamente a Nogueira (1998), que traz a contribuição de pesquisadores europeus que traçam perfis de “escolhedores” (*choosers*, no original em inglês) e analisa a correlação entre suas atitudes perante a escolha e sua posição sociocultural.

A autora descreve a análise de alguns estudiosos ingleses<sup>2</sup>, que basearam suas idéias na crítica à teoria de que existem pais e mães ideais, com plenas pré-disposições,

---

<sup>2</sup> Stephen Ball, Sharon Gewirtz e Richard Bowe realizaram uma pesquisa empírica na cidade de Londres entre 1991 e 1994, com 137 famílias com filhos em transição da escola primária para a secundária.

habilidades e meios materiais para o exercício da escolha. Em sua visão, a escolha não é uma questão de competência individual ou eficiência dos pais.

“Tal opção teórica responde ao propósito de colocar a conduta dos atores no quadro de suas relações sociais, superando a visão “ingênua” de uma escolha concebida como ação meramente individual.” (Nogueira, 1998, p.43)

De acordo com a autora, os pesquisadores identificaram três tipos de escolhedores, pertencentes a diferentes classes sociais, aos quais chamaram de: *privileged/skilled choosers*, *semi-skilled choosers* e *disconnected choosers*.

O grupo denominado *privileged/skilled choosers* foi o grupo formado por profissionais liberais e de classe média, que:

- valorizavam o ato de escolher, dispensando-lhe um longo período de tempo;
- possuíam recursos culturais que os possibilitava compreender as práticas pedagógicas anunciadas pelas creches e os colocava em contato com várias fontes de informação sobre elas, por exemplo na mídia ou em sua rede de relacionamentos;
- incluíam na decisão final um componente forte de *feeling*, associado às atitudes dos alunos e professores, ao discurso dos coordenadores, ao “clima” do lugar;
- procuravam adequar a criança ao estabelecimento, por vezes objetivando o sucesso escolar, por outras o desenvolvimento integral da personalidade;
- preocupavam-se com a composição social das demais famílias com quem seus filhos iriam conviver.

Já os *semi-skilled choosers* formavam um grupo heterogêneo em termos de ocupações - incluindo donas de casa sem emprego - e possuíam estas características:

- grande inclinação para a escolha, mas poucos recursos culturais para distinguir bem entre os diferentes estabelecimentos;
- um sentimento de incompetência e falta de confiança em si mesmos, fazendo com que, muitas vezes, decidissem em função de opiniões e comentários de outros;

- busca de critérios objetivos para fundamentar sua escolha, reduzindo a complexidade do processo, em relação ao primeiro grupo;
- opção por uma boa escola, não necessariamente a mais adequada à criança;
- preocupação com a composição social do público da escola.

O último grupo, chamado de *disconnected choosers*, era composto da classe operária, geralmente com baixo nível de instrução. A escolha desses pais era regida por uma lógica prática, bem desconectada do mercado escolar. Possuíam:

- pouca confiança em sua habilidade de entender a linguagem das escolas e dos professores;
- pouca disposição para obter informações de diversas fontes, utilizando-se basicamente da indicação de amigos, vizinhos e parentes;
- uma forte tendência a usar critérios menos subjetivos para a escolha, tais como proximidade de casa, facilidades de locomoção e transporte etc.;
- nenhuma preocupação em adequar a criança à escola, acreditando muitas vezes que as chances de sucesso escolar advém da aptidão inata de algumas crianças e não do estabelecimento escolar.

A tipologia descrita acima não é a única nem encerra as muitas dimensões e influências do complexo processo de escolha, mas pode auxiliar no reconhecimento do perfil da população analisada neste trabalho.

No caso das famílias pesquisadas, é possível perceber várias das características do grupo mais “equipado” para a escolha – os *privileged/skilled choosers* -, tais como a facilidade de compreender o discurso pedagógico das creches e um certo grau de confiança em si mesmos, nem sempre prevalecendo a indicação de outros e confiando em suas percepções sobre os profissionais e o tratamento dispensado às crianças.

No que se refere à valorização do ato de escolher, a classificação do grupo se aproxima mais dos demais tipos, uma vez que demonstraram não dispensar muito do seu tempo no processo de escolha.

Como nenhum dos entrevistados mencionou ter procurado adequar a creche ao temperamento de seus filhos, dada a idade tão pouca avançada dos mesmos, nada é

possível concluir sobre esse aspecto. Da mesma forma, nenhuma preocupação com a composição social do público da creche foi levantada.

Será esse um grupo possuidor dos recursos adequados à uma escolha consciente, com a possibilidade de reflexão que o tema exige?

### 3.3 Os diferentes tipos de capital e sua influência na escolha

Para a realização deste estudo, o grupo pesquisado foi composto de 86% de mulheres, a maioria entre 30 e 35 anos de idade, exercendo alguma atividade profissional.

Não há perguntas no *survey* ou nas entrevistas que verifiquem especificamente a renda das famílias. Entretanto, as creches escolhidas por essas famílias e citadas ao longo da pesquisa são creches da rede privada do Rio de Janeiro, a maioria situada em bairros onde o poder aquisitivo é alto, possuindo, portanto, um custo mensal alto.

No que diz respeito à escolaridade, quase 70% dos pesquisados informaram possuir diplomas de nível superior ou pós-graduação.

Com base nessas informações, será possível supor que os pesquisados estão inseridos em uma camada da população comumente chamada de elite econômica, social e cultural?

O termo *elite* é controverso e considerado, por muitos, um termo impreciso. Advém do verbo latim *elegire*, que significa eleger. Traz, assim, a idéia de eleitos, escolhidos, privilegiados, geralmente em reconhecimento a algum talento, competência ou mérito. Porém, o fato de ser usado em muitas áreas diferentes (ex.: elite artística, elite do crime organizado, elite econômica) permite a equiparação de posições que necessitam de recursos e desempenhos muito diversos (Cattani e Kieling, 2007).

Com a mesma finalidade de indicar frações ou segmentos da população detentores de riqueza e poder, não necessariamente por suas competências admiráveis, mas por sua posição de dominação em relação ao restante da população, o termo *classes dominantes* é considerado mais adequado por diversos sociólogos.

Ainda segundo Cattani e Kieling (2007, p.174), “as classes dominantes se constroem continuamente e se mobilizam de todas as formas para assegurar sua reprodução ampliada, sua existência cotidiana com vistas à preservação e à transmissão das posições dominantes para seus descendentes. A formação ideológica na família e o



período de formação nas instituições escolares são parte importante do processo de construção de classe.”

Nesse sentido, a escolha da instituição escolar representaria uma forma de luta dos pais para manter ou ascender sua posição na hierarquia social, utilizando-se, para tal, das suas vantagens sociais e recursos culturais.

O sociólogo Pierre Bourdieu expandiu o conceito de capital na análise social para além de seu uso comum na área econômica, abrangendo também sua forma cultural e social. Isso significa dizer que a posição relativa de um indivíduo na hierarquia social passa a ser entendido como seu estoque de capital social, que inclui capital econômico, cultural e social (Alves e Ortigão, 2001).

Conforme assinalado anteriormente, as famílias podem ser desigualmente equipadas para a escolha da creche, dependendo de suas vantagens sociais, ou seja, dos recursos culturais que estão a sua disposição, muitas vezes herdados dos próprios pais.

Bourdieu (1999) ressalta que o sistema de ensino auxilia a reprodução da estrutura social, sancionando a transmissão hereditária do capital cultural e, assegurando, assim, no mínimo, a manutenção da posição social que ocupam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escolha das creches, que se apresenta como um fenômeno recente e ainda pouco estudado, constitui-se por uma complexa rede de fatores que influenciam a decisão.

Este trabalho não teve a intenção de esgotar o estudo desses fatores, mas, ao contrário, fazer emergir alguns deles, do ponto de vista das relações sociais. Porém, é certo que o sistema de valores dos pais não se limita à sua classe social de pertencimento e muitas outras variáveis podem ser levadas em consideração em diferentes estudos. Valores religiosos e disponibilidade afetiva para maternidade/paternidade são alguns exemplos que me ocorreram durante as análises e que poderiam trazer pontos de vista diferentes sobre a questão.

Como todo relacionamento, a união família-creche é delicada e depende de um esforço contínuo de ambas as partes na direção do diálogo e da colaboração. Através de alguns resultados da pesquisa aqui analisada, foi possível desnudar um pouco mais das expectativas das famílias, geradas por imagens às vezes equivocadas sobre as creches. A tênue fronteira de responsabilidades traduz a incontestável fragilidade da relação, como não poderia deixar de ser, visto que é uma relação composta por seres humanos – pais e educadores – e toda relação humana é inconstante, renova-se a cada olhar, a cada instante de troca de experiências.

A análise das estratégias e dos critérios utilizados para a seleção das creches candidatas e da escolhida permitiu iniciar um esboço do perfil dos pais pesquisados. Nesse sentido, a articulação com saberes já produzidos a partir de outras pesquisas foi fundamental, construindo mais conhecimento, sem, no entanto, assumir verdades.

Por fim, - que pode traduzir-se em novo começo – coube uma breve reflexão sobre alguns dos diversos tipos de capital (social, econômico, cultural) das famílias pesquisadas, na intenção de alargar a visão do contexto onde estão inseridas e, quem sabe seduzir outros pesquisadores, para que investiguem mais profundamente as habilidades para a escolha decorrentes da posição das famílias na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima e ORTIGÃO, Isabel – “A repetência escolar e os diferentes tipos de capital: um estudo a partir dos dados do SAEB-2001”. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/qt14/qt14267int.rtf>. Acesso em 2 de março de 2010.

BORBA, Ângela Meyer. “A brincadeira como experiência de cultura”. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2006/cei/index.htm>. Acesso em 29 de abril de 2009.

BOUDIEU, Pierre. “Os três estados do capital cultural” In: NOGUEIRA, M.A. e CATTANI, A.(orgs) *Escritos de Educação*, Petrópolis,RJ, Vozes, 1999, 2ª. Edição, p.71-79.

CATTANI, Antonio David e KIELING, Francisco dos Santos. “A escolarização das classes abastadas” In: *Sociologias*, Porto Alegre, n. 18, Dec. 2007 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222007000200009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222007000200009&lng=en&nrm=iso). Acesso em 2 de março de 2010.

CIVILETTI, Maria Vittoria Pardal. "O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista". In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 76, p.31-40, fevereiro 1991.

CORSINO, Patrícia.”Relação família e escola na Educação Infantil: algumas reflexões”.Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/pef/peftxt3.htm>. Acesso em 26 de fevereiro de 2010.

GUEDES, Adrienne O. “Imitar é conhecer: interações e desenvolvimento infantil (mimeo)

GUIMARÃES, Daniela. “Entre a instrução e o diálogo: a construção da identidade educacional das creches”. In: *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2007.

KRAMER, Sonia. “A Infância e sua singularidade.” In: BEAUCHAMP, J, PAGEL, S e NASCIMENTO, A.(orgs) *Ensino Fundamental de Nove Anos – orientação para a inclusão da criança de seis anos*. Brasília, MEC/SEB, 2007a.

KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras – Arma e sonho na escola*. São Paulo, Ática, 2007b.

KUHLMANN, Moysés. “História da educação infantil brasileira”. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: Editores Associados, n. 14, p. 05-18, mai/jun/jul/ago, 2000.

MANTOVANI, Susanna; BONDIOLI, Anna. “Parte II – Adultos”. In: *Manual da Educação Infantil*, 9a. ed., Porto Alegre, Artmed, 1988.

MOURA, Maria Tereza. “A brincadeira como encontro de todas as artes” In: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2006/cei/index.htm>

NOGUEIRA, Maria Alice. *Família e Escola na Contemporaneidade: os meandros de uma relação*. In: 28ª. Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 2005. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt14/gt14214int.rtf>. Acesso em 21 de abril de 2009.

NOGUEIRA, Maria Alice. “A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural”. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 7, jan./fev./mar./abr., p. 42-56, 1998.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. “Vygotsky e o processo de formação de conceitos”. In: LA TAILLE Yves de, OLIVEIRA Marta Kohl de & DANTAS Heloysa. *Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

RINALDI, Carla. “Reggio Emilia: a imagem da criança e ambiente em que ela vive como princípio fundamental” In: GANDINI e EDWARDS (orgs) *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

TIRIBA, Léa. - “Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creche e família”. In: GARCIA, Regina Leite e LEITE, Aristeu *Em defesa da Educação Infantil*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

VIGOSTSKI, L.S. *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1 – Modelo do *survey***

**APÊNDICE 2 – Modelo da entrevista qualitativa**

## **APÊNDICE 1 – Modelo do survey**

**Objetivo:** Investigar imagens, expectativas e concepções criadas pelas famílias sobre a instituição de educação infantil chamada de creche, que atende crianças de 0 a 3 anos.

**Amostra:** Pais ou responsáveis pela escolha da creche para seus filhos na idade de 0 a 3 anos.

## **APÊNDICE 2 – Modelo da entrevista qualitativa**

**Objetivo:** Investigar o processo de escolha da creche, no que se refere às estratégias de planejamento e aos critérios de seleção utilizados pelas famílias.

**Amostra:** Pais ou responsáveis pela escolha da creche para seus filhos na idade de 0 a 3 anos, moradores da zona sul do Rio de Janeiro

### **Dados gerais:**

- Nome
- Idade
- Grau de parentesco
- Bairro onde mora
- Escolaridade
- Quantos filhos tem
- Se tem babá, em que períodos
- Profissão exercida atualmente

### **Algumas imagens sobre a instituição de educação infantil para crianças de 0 a 3 anos**

1. Por que colocar seu filho numa creche? Se um dos dois pais não trabalhasse, ainda assim o matricularia?
2. Qual a primeira palavra que vem na sua cabeça quando você pensa em creche?

### **Processo de escolha**

1. Como foi o planejamento do processo de escolha ? (Visitas? Indicação? Internet? Conversas? Com quem?)
2. O que buscou e o que recebeu de informação relevante para o processo de escolha?
3. O que você conhece sobre atividades pedagógicas na educação infantil?
4. Que critérios você utilizou para escolher a creche? Cite os 3 mais importantes para você.
5. Quem opinou e quem tomou a decisão final?